

## 6 Perspectivas

A consciência de uma Igreja sacramental afeta diretamente a atuação e a consciência que os fiéis têm da sua participação na comunidade de fé e do seu papel no mundo.

Tratamos, ao longo do trabalho, dentre vários outros ítems, da dimensão simbólica da religião e mostramos o quanto ela é necessária para se entender que a Igreja é mais que uma instituição burocrático-administrativa e humana. Tem na base da sua reflexão uma dimensão mística, que jamais pode ser esquecida, sob a pena de perder o próprio sentido para o qual existe.

Ora, na medida em que compreendemos a pedagogia divina, que escolheu salvar os seres humanos e manifestar a sua divindade na nossa própria humanidade, também passamos a compreender e a relevar as várias falhas e necessidades humanas que nela ocorrem. Aprendemos a ver na Igreja o Cristo, que se revela fraco, pobre, humilde, mas extremamente rico de conteúdo e de significado, exatamente pelo fato de ser simbólica. Na realidade humana eclesial se projeta o encontra com o divino. Na finitude do humano, a grandeza do eterno. Trata-se do simbólico que através de si, nos projeta para além de si.

Deste modo, entramos no mistério de Deus que se fez homem para a nossa salvação. Vimos na pessoa de Jesus o próprio sacramento do Pai, que nos ensinou, por sua vida, a sermos também nós sacramentos uns para os outros. Seus gestos, sua vida, suas palavras, são a própria manifestação do amor divino pela humanidade e desta para com o Pai. O Cristo humanizado é a porta de acesso ao Deus transcendente. Na humanidade do Verbo torna-se possível o encontro com o divino.

O mistério da Encarnação é, portanto, o coração da sacramentalidade eclesial. Nele está a razão pela qual a Igreja pode revelar Deus e transcender-se a si mesma. Nele está o sentido, a autoridade e a legitimidade da sua missão no mundo.

Para dar continuidade à sua missão, após o seu retorno para junto do Pai, Cristo congregou a Igreja e ensinou-a a observar e reproduzir, no dia-a-dia da nossa história, as mesmas atitudes de amor, solidariedade e compaixão para com o

próximo, que ele mesmo realizou. Cabe a ela, portanto, a grande tarefa de continuar e manifestar nos tempos hodiernos a graça e a salvação Cristo, derramadas sobre a humanidade no Sacrifício da cruz. A salvação não cessou. A graça de Cristo continua a se manifestar. Pentecostes continua a acontecer na vida dos fiéis. Mas isso não é tão simples quanto parece.

Vivemos num tempo de recuperação do valor do leigo e da sua atuação como membro ativo da Igreja. Tempo de desafios no que se refere ao ecumenismo e à comunhão entre as religiões. Além disso, a tentação de uma religião fácil, sem compromissos ou exigências, a multiplicidade de denominações religiosas e de ofertas para resolver os problemas quotidianos daqueles que sofrem, aliados ao o crescimento da pobreza e das diferenças sociais se tornaram um prato cheio para as “raposas” de plantão, isto é, pessoas mal intencionadas que longe de se comprometerem com a verdade do evangelho, fazem da religião e da boa fé dos seu fiéis um modo de satisfazer suas próprias vontades e caprichos.

Tempo em que a presença da Igreja em muitos continentes começa a ser escassa e a laicização dos Estados se torna fator determinante para o cerceamento das atividades evangelizadoras, senão até a sua proibição. Tempo, enfim, em que a falta de sentido e a grande variedade de alternativas religiosas, todas requerendo para si o primado da verdade, juntamente com a falta de testemunho da parte daqueles que dizem crer, fazem com que cada vez mais cresça o número daqueles que se dizem sem religião, ou ainda, ateus.

Ser sacramento de salvação, sinal vivo da presença ativa de Cristo no mundo, é mais que um privilégio, tornou-se uma necessidade. Talvez por isso o Concílio Vaticano II tenha definido o tema da sacramentalidade da Igreja como um dos seus mais importantes conceitos. Ser sacramento de Cristo é perceber-se um membro ativo deste grande corpo, que é a Igreja. É reconhecer que na missão evangelizadora não somos meros expectadores, mas protagonistas principais. Trata-se de uma prioridade nos projetos de ação, evangelização e formação da Igreja.

Mas que modelo de Igreja queremos ser e apresentar para a sociedade? Como fazer com que de fato a Igreja seja sinal de salvação? Que respostas queremos dar ao mundo frente aos desafios levantados? A humanidade nos interpela. É possível ser sinal de esperança em meio a tantos conflitos e contradições?

Ora, uma Igreja mais participativa e mais consciente da sua missão passa também pela oportunidade e pela capacitação, sobretudo daqueles que mais tem carecido desta atenção, os fiéis leigos. Quais os passos empreendidos nesta direção? Que atitudes concretas têm sido realizadas para que isto se aconteça? Não seria, porventura, a hora de recuperar a idéia de comunidades mais participativas, co-responsáveis na missão do evangelho, descentralizadas na questão da autoridade e do poder, e iluminadas pela proposta de uma Igreja de comunhão?

Sabe-se, que o Concílio Vaticano II deu grandes avanços com a proposta de recuperação de alguns valores e modelos da Igreja primitiva. Contudo, também é possível dizer que o modelo eclesial adotado pelo Concílio ainda não foi totalmente assimilado e transmitido pela catequese que temos recebido.

No âmbito do direito, é preciso fazer com que a legislação canônica acompanhe a renovação proposta do Concílio e que a Igreja sacramental não seja mais um elemento utópico, no sentido de que sempre se apresenta como um ideal, mas quase nunca como uma realidade. Do contrário, as propostas e definições da Igreja nunca passarão de documentos.

A missão da Igreja é ser sal da terra e luz no mundo. O mundo como campo de experiência e transfiguração cristã é propriedade irrenunciável da Igreja, especialmente do leigo: viver no tempo cada uma das atividades para nelas testemunhar o Cristo. Só assim responderão à sua vocação e serão verdadeiramente cristãos.

Grande auxílio também pode nos dar a liturgia. A missa como ato comunitário do celebrante e do povo juntos, requerendo participação pessoal e não somente assistência de expectadores pode ser uma imagem perfeita da vida eclesial autêntica, o fiel que leva ao altar a sua vida, como verdadeira hóstia viva ao Senhor. Somente quando uma consciência deste gênero tiver sido universalmente afirmada em todos quantos se dizem católicos os fiéis compreenderão a necessidade de fazer a sua parte no trabalho da messe.

Concluimos nosso trabalho lembrando que a proposta desta pesquisa não foi a de fechar questões ou apresentar conclusões sobre os aspectos tratados, mas simplesmente despertar para a necessidade de um aprofundamento do tema e, dessa forma, dar uma contribuição para a teologia e para a pastoral da Igreja. Meta que esperamos ter alcançado.